

# RIBALTAS E GAMBARRAS

REVISTA SEMANAL

REDACTORA  
GUIOMAR TORREZÃO

2.ª SERIE

LISBOA, 3 DE SETEMBRO DE 1881

NUMERO 39

GERENTE  
HENRIQUE ZEFERINO

**Summario.** — Arthur d'Azevedo, Sousa Bastos — *Chronica alegre*, Guiomar Torreção — *Cariátides*, escorços dramaticos, A. V., Thalia — *A mulher na familia*, Fialho d'Almeida — *Carteira de um fantasista*, Sêde de amor, João de Deus — *Madrid*, exposição de bellas artes, Manlius — *Ru-mores dos palcos* — *Carteira de Prudhomme* — *Album enigmatico*, charada, Matheus Peres.

## ARTHUR D'AZEVEDO

As letras brazilleiras não tiveram ainda mais infatigavel trabalhador. Arthur d'Azevedo tem apenas vinte e seis annos; é, pois, difficil prever aonde chegará aquelle talento possante, aquella incancellavel actividade.

No festejado escriptor deposita as mais promettedoras esperanças a litteratura dramatica brazileira, que tem inscriptos em letras de ouro os nomes gloriosos de Alencar e Macedo.

Apesar da sua curta idade, ainda não houve nos palcos do Rio de Janeiro auctor dramatico mais applaudido. É que elle conhece as plateas para que escreve e sabe os segredos da arte.

Arthur d'Azevedo é de origem portugueza; mas nasceu em S. Luiz do Maranhão no anno de 1855. A sua physionomia revela-nos um pensador austero, um homem methodico e reflectido, um sujeito que não é para graças, e todavia, no trato familiar, ninguem ha mais affavel e galhofeiro.

A proposito de tudo tem sempre preparado um bom dito; ao pé d'elle é difficil conservar a serie-dade.

Poucos dias depois de o conhecer, passeiavamos juntos pela capital do Brazil, quando ao atravessarmos uma rua deparamos com um sujeito de grande altura e enormes bigodes, mostrando uma carta e atirando beijos a uma dama que estava a certa janella. Isto, á uma hora da tarde e no local mais concorrido do Rio de Janeiro! Achei o caso um pouco extraordinario e manifestei-lh'o.

Elle respondeu-me:

— Já vai ver.

— E sem dizer mais, afasta-se de mim, agarra o apaixonado pela gola da casaca e diz-lhe á queima roupa:

— Seu tratante, pois atreve-se a fazer a côrte a minha mulher?!

O pobre do homem, afflictissimo, balbuciou meia duzia de palavras e deitou a fugir quanto podia.

No fim de contas o Arthur conhecia a mulher tanto como eu, que nunca a tinha visto.

Isto define o character brincalhão de Arthur d'Azevedo, que mostra assim estar francamente na quadra dos vinte annos apesar da physionomia que apparenta.

Começou a vida por caixeiro de commercio, carreira que não teria abandonado se as suas ambições se limitassem a alcançar for-

tuna, e não mirasse antes á gloria que de longe lhe estendia os braços e lhe sorria. Depois de cinco annos de balcão, pelo qual sentia a maior repugnancia, empregou-se na secretaria do governo do Maranhão.

Alli tinha mais liberdade e por isso começou desde logo cultivando as letras.

O seu espirito excessivamente mordaz e até petulante, manifestou-se logo n'uma magnifica satyra politica, que lhe custou a demissão do emprego. Cedo teve o desengano de que as letras não são o melhor caminho para a fortuna.

Por esse tempo fundou um semanario, intitulado *O Domingo*, que foi muito apreciado e durou bastante tempo.

Ainda no Maranhão, e quando apenas contava quinze annos de idade, publicou um volume de versos humoristicos, assignado com as suas iniciaes, e intitulado *Carapuças*.

N'este livro havia principalmente a admirar a precocidade do talento.

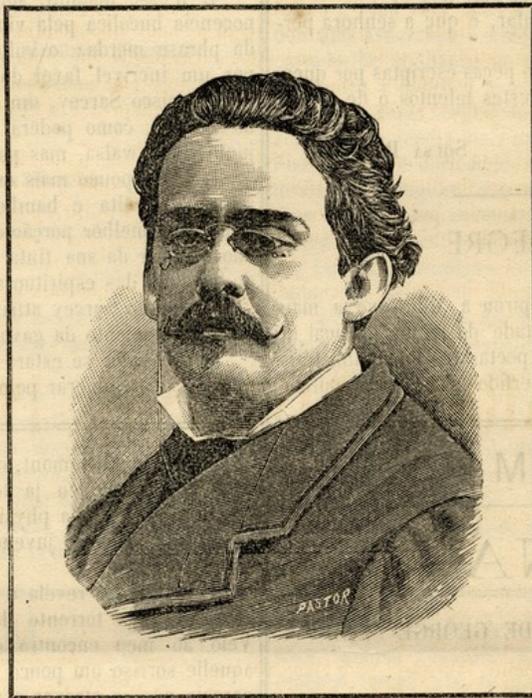
Buscando mais vasto campo e maior protecção para as suas aspirações litterarias, partiu em 1873 para o Rio de Janeiro, onde casou, onde alcançou o logar de official da secretaria de Agricultura, e onde ainda hoje vive estimado e apreciado pelo seu talento e qualidades.

Na imprensa periodica, tanto politica como litteraria, Arthur d'Azevedo tem figurado brillantemente ao lado dos primeiros jornalistas do Rio de Janeiro. Foi elle o fundador da *Gazetinha*, da *Revista dos theatros* e da *Penna e lapis*; foi um dos redactores do afamado jornal, creado por Bordallo Pinheiro, *O Besouro*; foi ainda collaborador effectivo do *Diario do Rio de Janeiro*, *Gazeta de Noticias*, *Comedia Popular*, *Re-*

*vista do Rio de Janeiro*, *Combate*, *Estação* e muitos outros. Actualmente é folhetinista da *Gazeta da tarde*, onde as suas revistas são bastante apreciadas.

Alguns volumes de versos teem apparecido firmados com o festejado nome de Arthur de Azevedo e todos teem sido bem accites pela critica e pelo publico.

A sua principal nomeada, porém, é como auctor dramatico. Ainda nenhum outro brazileiro alcançou tamanhos triumphos na scena do Rio de Janeiro. Estreiou-se pela comedia, *Amor por annexins*, que foi applaudidissima e deixou logo antever no seu auctor grandes disposições para taes trabalhos. Animado por este successo, escreveu outra comedia, *Vespera de Reis*, em que o actor Xisto Bahia fez uma esplendida criação. Esta comedia mais firmou os seus bellos dotes de escriptor dramatico.



Arthur d'Azevedo

D'então para cá tem-se succedido os triumphos em todas, que são muitas, as suas peças originaes, imitadas e traduzidas. Citaremos ao acaso: *A Joia*, comedia original em 3 actos, em verso, representada pela companhia de Emilia Adelaide; *A pelle do lobo*, comedia em 1 acto; *A Princesa dos Cajueiros*, opera comica original em 3 actos, com musica de Sá Noronha; *Os Noivos*, esplendido quadro de costumes brasileiros, original, em 3 actos, tambem com musica de Sá Noronha; *Revista do anno de 1877*, em collaboração com Lino d'Assumpção; *A filha de Maria Angú*, parodia á *Filha de Madame Angot*, e que fez um *successo* louco; *Abel Helena*, parodia á *Bella Helena*; *A Filha do fogo*, opereta-magica em 3 actos, *Nhó-nhó*, parodia ao *Bébé*; *Casadinha de fresco*, parodia da *Petite mariée* e uma infinidade de dramas traduzidos, poesias e scenas comicas.

Para bem apreciar as qualidades de auctor dramatico de Arthur de Azevedo é preciso saber-se que elle tem sido sempre applaudido, ainda mesmo quando as suas peças tem sido representadas por companhias deficientissimas.

Actualmente elle escreve de preferencia para o theatro *Phenix Dramatica*, onde um intelligente grupo artistico dá magnifica interpretação ás suas produções. Mas n'outro tempo, por quantas torturas passou elle ao ver representar um trabalho seu!

D'uma vez escreveu uma peça, que entrou immediatamente a ensaios n'um theatro. Depois da primeira representação, chegou-se ao pé d'elle a actriz que fizera um dos principaes papeis e disse-lhe:

—O' Arthur, o meu papel é em verso, pois não é?

—Pois só agora, depois de o representar, é que a senhora percebeu isso?!

Para resistirem a taes desempenhos só peças escriptas por quem disponha de talento, que tudo supra. É d'estes talentos o de Arthur de Azevedo.

SOSA BASTOS.

## CHRONICA ALEGRE

Outomno, o elegiaco outomno que inspirou a Millevoye a mais formosa escala de versos que tem brotado da penna musical de um grande lyrico e que inspira a varios poetastros da minha terra a menos poetica de todas as poesias, o perfido e fascinador outom-

## FOLHETIM

# ALBINA

ULTIMO ROMANCE POSTHUMO DE GEORGE SAND

SEGUNDA PARTE

SEPTIMA CARTA

JUSTO ODOARD Á SR.<sup>a</sup> DE NESMES

Castello d'Autremont.

Até que afinal o vi, aquelle altivo personagem muito mais alto do que eu, bello como um deus antigo, tímido como uma donzella, melancolico e suave como uma prece e tão sympathico e interessante que até receei affeiçoar-me a elle, sem correspondido ser. Metteu-se-me em cabeça que um ente muito perfeito deve achar todos inferiores a si. É contudo, tu és muito minha amiga. É essa idéa que me transmite a ousadia e confiança indispensaveis na vida.

Mal se apeou pediu noticias minhas, e logo em seguida foi ter comigo ao parque onde eu estava contemplando o admiravel panorama que alli se nos depara.

no, que arrebatava n'um doido turbilhão redopiante as folhas das arvores e os corpos franzinos, devorados pela phtisica, das virgens sentimentaes e dos mancebos transparentes, victimas da vertiginosa walsa, (vide, versos do sr. Palmeirim), outomno, o triste, annuncia-se já vagamente na pallidez doentia dos crepusculos, onde passam, esfumando-se, umas pequeninas nuvens brancas e diaphanas como espumas fluctuantes...

A crise nervosa, determinada nas organizações vibranteis pela aproximação d'essa pallida ceifeira, predispõem-nas para acceitarem sensibilizadas as innovações, ultimamente exhibidas, no passeio publico, por uma empreza cheia de ideias luminosas, auxiliadas por um cavalheiro prodigo de dedicações.

Esse cavalheiro é o sr. Justino Soares, que levou a sua heroicidade choreographica ao ponto de não duvidar expôr as suas tibias, premidas em meias apertadas e calções estreitos, á fuzilaria da troça indigena: completava-lhe o costume, que recebia um relevo extravagante e desusado, confrontado com os *vestons* e cocos dos caixeiros esbeltos e com os vestidos de setineta *ombrée* das meninas da baixa, uma casaca á Luiz XIII, colhida, um pouco ao acaso, entre o *pêe-mêe* do guarda roupa do Cruz e um rabicho de estopa, galantemente atado por um laço de fita.

N'esta vistosa ostentação de uma epocha, evocada, atravez da trapagem de um adelo, pela inventiva audaz de um empresario, o sr. Justino Soares, risonho e gentil, dançou gravemente o minuete, ao longo das arvores que o complimentavam, maravilhadas, do alto dos seus troncos vetustos.

E n'esse instante solemne, apenas perturbado na sua doce innocencia bucolica pela vibração escarninha da gargalhada profana e da phrase mordaz, o vulto adejante do sr. Justino Soares enlaçou, por um incrível favor do acaso, — o deus dos Justinos, — a figura de Francisco Sarcey, um dos primeiros criticos da França, reunindo-se, não, como poderá parecer á primeira vista para dançarem juntos uma walsa, mas para participarem de uma idéa.

Á hora, pouco mais ou menos, em que Justino Soares arqueava a perna direita e bamboleava o tronco, disposto a abandonar ao minuete a melhor porção da sua vida, consumia Sarcey uma porção, não inferior da sua tinta na apologia do mesmo minuete, dedicando-lhe uma das espirituosas chronicas do *XIX Siècle*.

Francisco Sarcey attribue a decadencia da sociedade franceza ao desaparecimento da gavota e do minuete.

Quem sabe se estará reservada ao sr. Justino Soares a missão gloriosa de regenerar pelo minuete a sociedade portugueza?...

O sr. de Autremont, ou o sr. Flamiano, como lhe chama Champore, tem, como eu já te disse, vinte e seis annos; mas parece contar trinta. A sua physionomia transluz os traços das grandes dores da sua primeira juventude. Veste bem, mas com um certo desleixo.

O seu andar revela o abandono do ente que se deixa conduzir arrastado pela torrente dos acontecimentos, abstendo-se de lutar. Veio ao meu encontro com a mão estendida, risonho, mas com aquelle sorriso um pouco forçado das pessoas timidas. O seu olhar parecia não se atrever a profundar o meu.

Possue um metal de voz puro como o seu rosto e com poucas vibrações.

Resoa-nos aos ouvidos como a bulha discreta e seguida da agua deslizando mansamente por entre as hervas. Emfim, o duque dispõe em subido grau do que se chama o encanto da *sympathia*, tanto mais que parece ignorar a sua superioridade, escondendo cautelosamente todo o seu espirito. As suas phrases são singelas e desornadas.

Parece-me que lhe não desagradei, porque passada a primeira impressão julguei ver que o seu constrangimento acabara, chegando mesmo a dirigir-me a palavra intimamente.

Não queria por emquanto, segundo elle disse, fallar-me em construccões, mas eu observei-lhe que começava isso a preoccupar-me e que me prestaria um grato serviço se pudesse attender-me.

Trad. livre de

PAULA RAMANZI.

(Continua.)

Sarcey conta a este respeito uma anedocta engraçadíssima.

O scintillante critico referiu-se um dia em um artigo de theatro ao sr. Petipa, afamado choreographico, que fôra em tempo primeiro dançarino da Opera.

Enviado o artigo para o jornal, Sarcey não pensou mais no dançarino.

No dia immediato, o critico almoçava tranquillamente a sua *omollette*, guarnecida de ervagens aromaticas, quando retiniu á porta uma forte campainhada, nervosa e impaciente.

Sarcey ergueu-se inquieto...

Na casa do jantar desabou de subito, como um ariete de guerra, o celebre choreographico.

Na dextra, convulsionada, agitava febrilmente um jornal...

Um erro de caixa, uma d'essas barbaras mutilações impunes, infligidas pelos typographos ao nosso estylo imbelle, mudara uma das letras do nome do dançarino.

Elle chamava-se Petipa: o jornal chrismara-o em Petifa.

—Petifa!... Petifa!... exclamava o desgraçado arrancando punhados de cabellos e enchendo de desolação o almoço, abruptamente interrompido, do jornalista.

Então Sarcey, compenetrado da gravidade das circumstancias e cheio de uma commoção sincera, emprehendeu a ardua tarefa de consolar esta grande dor.

Imagem que por uma fatalidade identica o sr. Justino apparecia uma bella manhã transformado em sr. Pepino?...

GUIOMAR TORREZÃO.

## CARIÁTIDES

### Escorços dramaticos

A. U.

Cabeça vaporosa, esfumando-se na meia luz de uma ligeira melancolia, abstracta e encaracteristica como um sonho que foge no correr da noite...

Percebe-se, só com o encaral-a, uma vez, quanto deverá ter soffrido, amado e luctado a alma que se espelha n'esse olhar languido e triste, onde transluz a par de uma doçura, susceptivel de todas as dedicações, uma coragem capaz de todos os sacrificios.

Foi talvez a orphandade precoce que lhe deixou na frente a sombra do infortunio e no olhar a crystalisação das lagrimas.

O que é certo, é que não se accenta de nenhuma fôrma o rosto

## FOLHETIM

### O CARDEAL DIABO

(ULTIMA NOITE DE HOFFMAN)

VI

Deante d'aquelle espectro impássivel, meu amo recuou até ao canto do corredor, com as mãos estendidas, em dolorosa attitude de supplica, como um condemnado que vae ouvir uma sentença.

—Conheces-me, disse o phantasma lento, com voz cava e segura. Tinhas razão, pensando que eu voltaria alguma vez. Demorei-me: não importa! Fôram precisos dezoito annos para eu quebrar a pedra de um sepulchro, empreguei os esforços mais funestos, a mais contumaz energia, e voltei. Tive, debaixo da terra, a minha grande angustia, luctei com a voracidade dos vermes, com a enervação da clausura dos cadavares, com todas as forças de uma natureza infinita que se transforma em cada hora, e em cada dia se desentranha em novas creações brilhantes. Mas nem um cabello lá me ficou. Só-

serio e pensativo de A. V. senão emoldurado na poesia soluçante do drama, banhado no pranto elegiaco de uma desventura em 5 actos e 10 quadros, sacudida pelo nervosismo hysterico da rhetorica sentimental.

Ser-nos-hia mais facil acolher de boa mente o actor Taborda, encarnado no personagem da dama das Camélias, do que admitir que A. V. garganteasse os *couplets canaille* de Offenbach.

E todavia, singular capricho da sorte, esta rapariga, talhada expressamente, segundo parece, para reproduzir o typo da ingenua romantica, que faz lyrismo, pendida do varandim, enleado pelas hastes das trepadeiras floridas, inundando a cabeça scismadora no jorro diamantino do luar e escutando os arrabis dos trovadores peripateticos, resvalando no azul, e desferindo nas cordas trementes a eterna symphonia do amor, *debutou* no theatro pelo mais alegre e divertido de todos os generos,—a dança.

Arrojada pela orphandade ao cairel do abysmo, A. V. ergueu-se intrepidamente e obrigou os seus sete annos a matricularem-se no conservatorio, encetando o curso de bailarina.

Pouco depois estrejava-se em S. Carlos n'um bailado chinez, que se repetiu no Gymnasio.

De uma vez, a Ristori passou por S. Carlos, enchendo o theatro com a sua poderosa organização artistica e deixando um rastro de luz em cada uma das creações humanisadas ao seu contacto.

Representou-se a *Medea*, e A. V. foi escolhida para figurar de um dos filhos. O desempenho, mudo e automatico, rendeu-lhe um tostão e uma vela, mas na sua alma, ardente e devaneadora, acordou uma esperança e accendeu-se de subito um fulgor estranho, incutindo-lhe confiança no futuro.

Pouco a pouco a pequena bailarina começou a perceber, absolutamente como succedera muitos annos antes á actriz Delfina, que a sua vocação tendia mais para a cabeça do que para os pés. O palco fascinava-a, a ebriedade dos bastidores subia-lhe á cabeça e produzia-lhe vertigens, mas a dança acabou por inspirar-lhe um desdem enorme, apparecendo-lhe sob o aspecto de uma banalidade ridicula e grotesca, convindo unicamente ás cabeças ôcas e leves como cabaças, incapazes de ligar duas idéas... a não ser com os dedos dos pés.

A. V. enganava por esse tempo a impaciencia febril que a dominava, armando theatrinhos do tamanho de caixas de amendoas e improvisando recitas microscopicas.

Inesperadamente, o destino, esse garoto que se diverte a frustrar os planos mais serios e infalliveis, realisando ás vezes, de pé para a mão, as mais doidas chymeras, facilitou ensino á infantil artista de entrar no templo dos Talmas pela portinha modesta do theatro dos Inglezinhos.

A alumna estrejou-se na *Porta falsa*, desempenhando o papel de criada.

mente mudaram de côr — olha bem! Os teus embranqueceram tambem, homem covarde! Tiveste em vida a solidão e o abandono, e embora talvez não te pungisse o remorso, é certo que padeceste. Olha em torno de ti. O que é que a tua ambição gerou? Deixa-nos affagar o primogenito da tua avareza. Bem o vês — é o abandono. Ha quasi dezoito annos que uma mulher chegou ao teu castello, moça e formosa, de uma pureza virginal. Acompanhava um velho cigano que tocava a sua viola, e cantava com elle extranhas canções bohemias, que fallam de um reino ideal de ventura, em que se fuma ao sol, sobre leitos de pennas, e não é preciso trabalhar para comer. Era simples essa creança, graciosa nos seus vestidos vermelhos; cheios de ouropeis phantasiosos. Possuia affectos simples, um respeito supersticioso pelo velho, sabia dançar como as andaluzas, lia a *buenadicha* nas frentes e nas pégadas dos caminhos. De resto, roubava gallinhas pelas aldeias, guardava um punhal que herdára da mãe e pela lamina do qual tinha jurado ser pura, temia o grito da coruja nas azinhagas desertas, acampava pelos adros dos mosteiros solitarios e soffria tristezas mysteriosas, de uma languidez mortal. Era no inverno; cahia neve e os campos tinham uma desolação melancolica. Pedimos-te agasalho, sentámo-nos á meza dos teus creados, na grande cosinha de granito do teu solar. Depois quizeste ouvir-nos cantar. Levaram-nos atravez de salões dourados, até á tua camara illuminada. Tu bebias por taças resplendentes,

Applaudida, festejada e avidamente cubiçada pelas sociedades particulares, não houve theatro de curiosos em que A. V. não representasse: Anjos, Floresta, Aljube, Fiuza, etc.

O espaço, porém, arrastado e circumscripção a um publico especial, forçado a applaudir convencionalmente na sua qualidade de convidado, não poderia bastar a essa organização nervosa, que voava para a arte como as borboletas para a luz.

Arrastada pelo desejo imperioso de *debutar* em um theatro publico, A. V. apresentou-se timidamente ao ensaiador Romão e pediu para ser admittida no Gymnasio.

Exigiam-lhe, porém, os estatutos do theatro seis mezes de tirocinio, desamparado de qualquer retribuição.

Caindo do alto das suas esperanças na realidade de uma situação insustentavel, a pobre creança arrancou-se, temporariamente, ao seu glorioso sonho e matriculou-se na aula de declamação do conservatorio.

Por espaço de dois annos recebeu as lições de dois notaveis professores, Alfredo de Mello e Duarte de Sá.

Do conservatorio saiu directamente para a ilha de S. Miguel, onde fez distinctamente parte do repertorio de Manuela Rey.

Regressando ao continente, A. V. escripturou-se nas Variedades, passando em 1869 para o theatro do Principe Real, dirigido pela empresa Santos.

O talento da actriz, até então hesitante e incerto na sua orientação, desenvolvendo-se lentamente, como um arbusto estiolado pela ausencia de cultivo, adquiriu de subito o brilho, a seiva e o aroma.

Como cera molle, esse talento recebeu todas as fórmulas, moldou-se a todos os aspectos, reflectiu todas as cambiantes que lhe imprimiu o sopro inspirador do mestre.

Pygmalção arrancara ao marmore palpitante uma nova Galathea.

Santos dava-nos n'essa discipula, metamorphoseada ao seu contacto, uma ingenua notabilissima, com uma profunda comprehensão do sentimento ideal, atravez do qual passam batendo as azas e soltando os finos cabelos de ouro ou sacudindo as comas negras e onçadas, as luminosas creações evocadas pela lyra dos poetas.

Primeiro no Principe Real e depois em D. Maria A. V. representou *Montjoie*, *Harpa de Deus*, *Por causa de uma carta*, *Mulheres de Marmore*, *Visconde d'Algirão*, *Homens e feras*, *Camões do Rocío*, *Cora ou a escravatura*, *Sabichonas*, *Morgadinha de Valflor*, *Tartufo*, *Oração da tarde*, *Julia*, *Marquez de Villemer*, *Verão de S. Martinho* e *Claudia*, agradando, insinuando-se na estimação do publico e accentuando progressivamente os traços delicados do seu perfil artistico, sempre ligeiramente esfumado...

N'esse perfil ha, sobretudo, como já disse, uma linha dominante, a melancolia, uma nota sobreposse, a lagrima.

A. V. abusa por vezes d'essa linha e d'essa nota.

emquanto o meu pandeiro retinia. Ebrio, o teu olhar abraçava-me, com uma fome traiçoeira, com uma luxuria infernal. Quando amneceu, o velho pae gemia acorreato n'um subterraneo e eu viajava semi-nua e embriagada pelos braços dos teus amigos. Porque — infame! — depois de me haveres deshonrado, prostituiste-me. Assim passou uma semana. O punhal que minha mãe me dera para guardar a minha pureza, deixei-o cravado no teu brasão de armas, no fundo da tua camara, na larga tapeçaria de matiz que reveste a parede. Perdido entre as pregas da ornamentação, ainda lá existiu até agora, para que a Providencia ou a fatalidade podesse com elle armar a mão audaz do teu pagem favorito. Deus ou o diabo, nunca esquecem a vingança. É em balde que os homens tentam fugir ao seu destino, que um dia tudo se cumpre! Quando saciado, expulsaste-me de tua casa. Era de noite. O cyclone passava, rasgando com a sua asa de diamante negro, as aldeias e as culturas. Tinham-se feito rios os regatos, mares os campos, vortice redemoinhante a floresta. Arvores seculares eram levadas pela raiz. Nas torrentes, fluctuavam cadaveres e despojos de casas. Do alto das nuvens, o Deus colerico arremessava do seu arco dardos de fogo, certos e desapiedados. No parque, meu pae esperava-me, curvado, moralmente morto. Entrámos a andar. O céu era inclemente; a noite tenebrosa. Relampagos esclareciam a espaços, as clareiras alagadas.

— Espera, disse meu pae, parando. As cartas.

Mesmo quando ri, dir-se-ia que lhe afluam á voz tremente e magoada prantos latentes...

«É uma chorona», dirá talvez o publico no seu phraseado implacavelmente comico.

É uma romantica, observam os litteratos, que desde Taine, o primeiro critico, até Thalia a ultima rabiscadora, tem o dever individual de analysar primeiro o temperamento da mulher, antes de pronunciarem um juizo definitivo acerca dos dotes intellectuaes da artista.

O Gymnasio reservava em 1876 a A. V. um grande triumpho, ruidosamente celebrado pela imprensa.

Uma peça mediocre, a *Avó*, onde A. V. creou um papel, dando-lhe uma intensidade dramatica perfeitamente excepcional, e produzindo uma scena que ficará legendaria nas tradições do theatro, engastou-lhe o nome na constellação radiosa onde brilham as primeiras estrellas dos nossos palcos.

O *Saltimbanco*, especialmente em relação ao monologo do segundo acto, admiravelmente declamado, confirmou a superioridade do talento da actriz, fixando a tendencia, pronunciadamente dramatica, sem excluir a *nuance* ingenua, d'esse talento delicado e mallevel.

O braço que outr'ora a conduziu generoso atravez dos desfila-deiros da arte, orlados de precipicios hiantes, é hoje amavelmente guiado por ella atravez dos desfila-deiros da vida, entenebrecidos de subito pela noite eterna da cegueira.

N'essa noite, sem um lampejo de esperanza, onde dormem no sacrario da memoria os jubilos, os triumphos, as aclamações delirantes e as saudades immarcessiveis do grande artista, accendeu a mão piedosa de A. V. a lampada das infinitas dedicações, que ardem, como o fogo de Vesta, illuminando docemente a penumbra do infeliz.

\*  
\* \*

A. V. foi escripturada por Salvador Marques e vae representar esta epocha no theatro da rua dos Condes.

E os jornalistas que nutrem um terror profundo, e até certo ponto justificado, contra o velho pardieiro, berço de tantas glorias, ver-se-hão constringidos a voltar a cazaca.

Quem não fará de bom grado duas ou tres horas de sentinella em qualquer d'essas guaritas, vulgo camarotes, affrontando mesmo o perigo de as trazer enfiadas na cabeça, sempre que se trate de apreciar o talento peregrino de A. V.?

THALIA.

Tremi como um vime; sabia já o que elle ia fazer.

— As cartas, depressa, tornou elle nervoso, apressado.

Dei-lhe as cartas. Entrou a espalhar-as no chão. O relampago illuminava-lh'as. Elle, attento, psalmeava lugubre. Por fim, apurou-se deante de mim.

— Mulher perdida, que fiseste do punhal de tua mãe?

Emmudeci. Elle tornou terrivelmente:

— Filha desnaturada, que é da tua innocencia?

Nem uma palavra da minha bocca. Em torno, o vento escarnea de nós, occulto nos ramos dos carvalhos gigantes. Meu pae poz-se a caminhar adeante de mim, sem chapéu. Tremendo, seguiu-o.

Os relampagos recortavam-lhe o corpo escuro e sinistro, n'um fundo azul phosphorecente. Tinha chegado a um despenhadeiro. Um tronco informe estava lançado, por ponte. Na profundidade entenebrecida, ouvia-se referver ameaçadoramente a catarata, onde guinchos de demonios ebrios, resoavam em côro satânico. Meu pae voltou-se para mim, friamente e apontando-me o roble tombado na bocca do abysmo, ordenou:

— Passa!

(Continua).

VALENTIM DEMONIO.

★ MULHER NA FAMILIA ★

Dias chuvosos e tristes. Nevoeiros que se esfarrapam em chuva implacavel sobre os tectos negros da cidade somnolenta e morna.

Os trens fazendo o eterno borborinho das capitaes desenfreadas. Nas lamas negras do asphalto, tacões metallicos, que n'um *tic tac* provocante equilibram corpos de serpe, vestidos em setins mais ou menos authenticos. Risos carminados cuja saude se deve á materia corante fornecida pelas drogarias. Dentes, que ainda hontem figuravam nas vitrines do Vitry. *Veloutines* polvilhando faces de um cansaço evidente. Vinte annos enrugados com aspectos de sessenta. Eis o *chic* das capitaes e o segredo das fascinações magneticas, que á noite, na sombra das mantilhas, e na chaga dos sorrisos pos-tiços, vão mendigando a quem passa, o preço de alguma pobre ceia, comprada em *restaurant* chinfrim.

A luz do gaz é triste; jorrada sobre as epidermes de opala, e illuminando linhas pallidas de rostos sem saude, ella tem o quer que seja de uma tocha de cera accessa á beira de uma mulher sem vida.

É na conquista d'estas trufas da enxurrada, e d'estas escalarvadas Julietas, que fazem liquidação da belleza, que nós, os filhos dos valentes de outros tempos, levamos as nossas vigalias e despendemos as nossas locubrações.

O amor facil é tão reles e tão torpe, que para sorvel-o, qual-quer homem tem de vacillar entre estes dois extremos — a perda da rasão, ou a perda da vergonha.

\*

A familia é ainda hoje o abrigo dos que, ao fim da leviana jornada das dissipações e prazeres fatuos, sentem efflorescer no seu peito o nenufar de umas aspirações mais justas e a nymphicia-alba de uns affectos, mais intimos e recatados.

Todo o homem, que ao fim de 30 annos de cambalhotas pelas veredas dos amores duvidosos sente ainda no craneo bruxulear-lhe a lampada da rasão, volta insensivelmente as suas esperanças e os seus arroubos, para esse templo domestico, em cujo altar se eleva o nucleo da familia e a base das sociedades — a mulher, melhor — a esposa.

Tudo quanto é grande, puro, casto e digno, provém da esposa, provém da mãe, provém da *menagère*. O lar é o grande foco aonde se retemperam os animos abatidos, as convicções vacillantes, os entusiasmos recalçados e as creanças que se sentem oscillar pela base.

Todos os cidadãos, os vulgarisadores, os martyres, os divinos apóstolos d'algumas d'essas ideias lucidas, que se archivam na historia, como patrimonio da humanidade, devem a firmeza dos seus principios, a justeza das suas convicções e o inabalavel heroismo, que ostentam nos lances dificeis, ao refugio do far, á reconcentração da familia, á castidade immaculada da esposa e á innocencia da prole cor de rosa.

O homem deve ver na mulher, por consequinte, o centro inicial dos grandes committimentos, o Deus da familia, a educadora dos filhos, que preparando os espiritos condensa, para as evoluções futuras, as forças latentes e vitaes da humanidade.

FIALHO D'ALMEIDA.

★ CARTEIRA DE UM FANTASISTA ★

SÊDE D'AMOR

Estrella, nuvem, ave  
 Perfume, aragem, flôr!  
 Consola-me! Distilla  
 Da languida pupilla  
 O balsamo suave  
 D'um infeliz amor!  
 Estrella, nuvem, ave,  
 Perfume, aragem, flôr!

A flôr de que és a imagem,  
 A flôr de que és irmã  
 Sacia-se e desata  
 O seu collar de prata  
 Aos beijos da aragem,  
 Aos raios da manhã!  
 A flôr de que és a imagem,  
 A flôr de que és irmã!

A perola que encerra  
 A flôr, é sua? Não!  
 O pranto que a anima  
 Cahiu-lhe lá de cima  
 Para cahir na terra,  
 Para cahir no chão:  
 A perola que encerra  
 A flôr é sua? Não!

Tu já mataste a sêde,  
 Mata-me a sêde a mim,  
 Se em nuvem piedosa  
 Te refrescaste, rosa,  
 Tambem em ti eu hei de  
 Refrigirar-me, sim?  
 Tu já mataste a sêde,  
 Mata-me a sêde a mim!

É para que me orvalhes  
 Que te orvalhou o ceo?  
 O liquido que veio  
 Aljofar-te o seio  
 Bem é tambem que o espalhes  
 No chão, e o chão sou eu!  
 É para que me orvalhes  
 Que te orvalhou o ceo.

JOÃO DE DEUS.

MADRID

Exposição de Bellas Artes

*D. Alonso el sabio*, quadro replecto de bom senso, feito pelo sr. Puebla, de Burgos. A sua execução é monotona e pouco vigorosa. Revela um estudo muito aturado e muitos conhecimentos da historia d'aquello tempo. Nada destôa na tela do sr. Puebla, está tudo nos seus logares competentes.

Ninguem dirá que ha falta de criterio; mas o que é certo é que o seu auctor tem medo das grandes tempestades, e provavelmente, se assim continuar na sua sabia mediocridade, hade morrer senador.

*El Principe D. Carlos de Vianna*, quadro do Sr. Moreno Carbonero, de Malaga.

O principe está sentado, n'uma posição meditativa, lendo um grosso *in folio* em pergaminho illuminado. Phisionomia austera e apropriada a um personagem d'alta estirpe, unicamente entregue, n'aquella epocha sombria, ao acrisolado amor do estudo. A scena passa-se em Messina, n'um convento de Benedictinos, os celebres e humanos inventores do delicioso licor, que tão benignos alivios tem causado aos soffrimentos de estomago de toda a christandade.

O desditoso principe, longe da patria, procurara mitigar saudades da juventude no estudo da philosophia e da historia. Sobre este ultimo ramo da sciencia humana, bem pouco lhe poderiam proporcionar os sabios frades ás suas investigações. A pobreza, não benedictina, mas puramente franciscana, da bibliotheca está-nos revelando esta triste verdade.

Em compensação os *in folios* estão bem dispostos e bem pintados. Apraz-nos olhar esta simplicidade de composição e sobriedade nos detalhes. Junto ás qualidades boas que mencionamos, o sr. Carbonero soube, por uma modelação fina e largamente comprehendida, tornar interessantes todas as partes do seu bom quadro.

O sr. D. Angel Lizcano expoz quatro pinturas de pequena dimensão, entre as quaes notaremos a *Entrevista de Carlos V com Francisco Pizarro, antes de partir para la conquista del Perú*.

O artista não gosava de boa reputação entre os amadores de boa pintura, mas d'esta vez o seu pincel facil e consciencioso, reabilitou-o, collocando-o a par dos mais distinctos pintores de historia.

Apresentemos ao leitor o maior successo da exposição; é a *Lycenda del Rey Monge*, quadro do sr. Casado del Alisal, discipulo de Madrazo e director da Academia Hespanhola em Roma. Tambem lhe dão o titulo de *Sino de Huesca*, que devia chamar de bem longe, á obediencia todos os vassallos grandes e pequenos do justiceiro rei de Aragão, A fundição do celebre sino foi um acto de feroz justiça, á moda d'quelle tempo.

D. Ramiro, *El monge*, rei de Aragão, cansado de aturar continuadas revoltas e dizeres sarcasticos e injuriosos, dirigidos contra a sua real pessoa pela nobresa do seu reino, premeditou um exemplo de evangelica justiça.

Reuniu cortes em Huesca e aproveitando essa occasião propicia e rara, como sabio politico, tractou immediatamente de mandar cortar a cabeça a quinze magnates dos mais incommodos, entre os quaes figurava um arcebispo. A cabeça do revoltoso ecclesiastico serviu para badalo do celebre sino. Hoje já não se fabricam sinos d'este precioso metal, graças ao Altissimo.

O rei monge, acompanhado por um enorme cão de fila, está mostrando á sua corte horrorisada, que vai descendo uma escadaria, do que elle será capaz para o futuro.

A carnificina legal do rei *Cogulla* foi representado pelo sr. Casado de uma maneira surpreendente, cheia de vida e energia. A expressão de terror e de medo impressa em todas as physionomias da fidalguia aragonesa é completa.

O pintor identificou-se com o pensamento da sua obra, que é uma das melhores da moderna eschola hespanhola e talvez a mais completa no seu conjuncto.

Se existem alguns defeitos na notavel tela do sr. Casado, não estamos dispostos a procural-os e ainda muito menos a corrigil-os.

*Numancia* quadro do sr. Vera, pensionista do governo em Roma. Diz a historia, que os Numantinos, cercados estreitamente pelo exercito de Scipião Emiliano e reduzidos ás ultimas extremidades, preferiram incendiar a cidade e morrer, que entregar-se á escravidão romana.

O assumpto é digno e deve inspirar qualquer artista de talento. O sr. Vera foi bastante feliz na composição que é vasta e bem combinada, salvo alguma escassez no desenho de varias figuras, defeito que é sufficientemente contrabalançado pela sua energia.

O quadro do sr. Vera é um dos attractivos mais salientes da exposição.

(Segue).

MANLIUS

## RUMORES DOS PALCOS

Esteve concorridissima a recita realisada no theatro do Gymnasio em a noute de 27 do corrente, e na qual tomaram parte, além de um grupo de curiosos distinctos, as actrizes Emilia dos Anjos e Virginia Farrusca. Subiu á scena o drama *Redempção*, de Octavio Feuillet, que foi muito festejado, sendo atirados para o palco um sem numero de bouquets e corôas. As honras do desempenho pertenceram a Emilia dos Anjos, que desempenhou com muito talento o papel da protagonista.

Antonio Pedro, que tem sido applaudidissimo no Brazil, onde se acha, vae com a sua companhia dar uma série de recitas a Pernambuco, recebendo para isso um subsidio, offerecido pelo municipio, no valor de 12:000:000.

A *Mascotte*, que tem uma enorme reputação e um sem numero de recitas em Paris, onde fez fanatismo, sobe á scena no theatro da Trindade em meiado de setembro.

Abre hoje o elegante theatro da Trindade, que passou por uma completa transformação, ficando, segundo nos asseveram, um verdadeiro *bijou*. Estreia-se com a operetta em 1 acto *Ultimo figurino* e a tragedia *Lucrecia Borgia*, acolhidas sempre pelo publico com verdadeiro alvoroço.

O theatro do Gymnasio abre com o *Jonathan*, traduzido per Salvador Marques e a comedia de Chaves de Aguiar, *Mouro na costa*.

O *Assomoir*, traduzido por José Carlos dos Santos com o titulo *A taberna*, e do qual desempenham os principais papeis Amelia Vieira e Posser, é a peça escolhida para a abertura do theatro da Rua dos Condes.

A espirituosa comedia de Pailleron, *Le monde ou l'on s'enmuye*, traduzida pelo nosso collega Gervazio Lobato, deve subir á scena no theatro de D. Maria em meiado de outubro.

Borghi-Mamo tem obtido ultimamente em Buenos-Ayres uma série de triumphos, que vibram ruidosamente em todos os jornaes. O *Nacional*, a *Republica*, a *Patria italiana* e a *Nação* consagram á eximia cantora artigos entusiastas, ferteis de louvores.

As ultimas recitas dadas pela grande *virtuosi* antes da sua partida para o Rio de Janeiro fôram estrondosamente victoriadas e espantosamente concorridas. O *dilettantismo* lisbonense espera impaciente o regresso de Borghi-Mamo ao seu dilecto theatro de S. Carlos.

Realisa-se amanhã domingo no theatro Taborda uma recita convidativa, cujo producto reverte a beneficio de uma artista digna da protecção do publico. Representa-se o applaudido *vaudeville Niniche*, cujo principal papel será desempenhado pela intelligente actriz Sophia de Oliveira, abrindo o espectáculo com uma scena comica. Os bilhetes acham-se á venda na rua Augusta, 277, e Rua Nova da Palma, 138.

## CARTEIRA DE PRUDHOMME

Um capitalista espera dois individuos, e não querendo receber mais ninguem além d'elles, recommenda ao criado:

— Não tens que te enganar: um é coxo o outro é surdo.

E, dito isto, retirou-se ao seu gabinete.

Pouco depois, sóa a campainha.

— O Sr. X, está visivel?

— Conforme, replica o criado. O senhor é surdo?

— Absolutamente nada.

— Nem côxo?

— Insolente! puxo um pouco da uma perna quando ando, mas não sou côxo.

— Então, o sr. X. não está em casa.

Alguns minutos depois ouve-se de novo a campainha.

— O Sr. X.?

— O senhor é côxo?

— O que é que diz?

— Se é coxo?

— Nunca o fui.

— E surdo?

— Hein?

— Pergunto-lhe se é surdo?

— Tenho os ouvidos um pouco rebeldes, mas estou muito longe de ser surdo.

— Peior para o senhor... porque em tal caso o Sr. X. não está em casa.

O amor só tem um inimigo serio, é o ridiculo. Quando o amor sobrevive ao ridiculo, é que é sublime, como a poesia que sobrevive á tragedia.

Prudhomme fazia grande barulho, narrando as suas infelicidades conjugaes. Alguem fallou n'isso á mãe d'elle.

— Na verdade, observou ella, não comprehendo meu filho. Seu pai não fazia o escandalo que elle faz por causa d'isso.

Expansão de amor filial:

- Oh! minha querida mãe, cada vez a estremeço mais.
- E porque meu filho?
- Porque tenho a certeza de que nunca será minha sogra.

A mãe de Prudhomme, vendo-se a um espelho e notando que tinha os olhos encovados, os cabellos brancos, a cara enrugada e a cor livida, exclama despeitadissima:

— Maldito espelho! os do meu tempo não eram assim!

Philosophia á Prudhomme:

— É extraordinario, tenho notado que celebram sempre os grandes homens no dia da sua morte e nunca no dia do seu nascimento!

Dialogo no Martinho:

- Que tens, homem, ainda não abristes a bôcca?!
- Estás enganado; tenho-a aberto tantas vezes como tu.
- Que queres dizer?
- Digo-te que todas as vezes que tu fallas, bocejo eu.

— Na China o marido pode repudiar a mulher nos seguintes casos:

- 1.º Se não obedecer aos paes de seu marido.
- 2.º Se fôr esteril.
- 3.º Se tiver comportamento irregular.
- 4.º Se tiver molestia incuravel.
- 5.º Se fôr ciumenta.
- 6.º Se for ladra.
- 7.º Se fallar de mais.

## ALBUM ENYGMATICO

### CHARADA

(Ao distincto poeta, o ex.<sup>mo</sup> sr. Eduardo Cabrita)

PREMIO

OFFERECIDO AO PRIMEIRO DECIFRADOR

UM EXEMPLAR DO ALMANACH DAS SENHORAS, DO CORRENTE ANNO

1 vol. em brochura

Mostrar-vos quero hoje um quadro bem singelo,  
Não tem de arte o primor, mas tem um toque bello:  
O colorido forte — é nobre sentimento,  
As sombras mais subtis são feitas d'um lamento.

Ouvi, se vos apraz, a minha pobre historia  
E, se ella crível fôr, guardai-a na memoria.  
Podeis aqui pesar, d'um filho, o amor mais terno,  
E d'uma boa mãe — o soffrimento eterno.

No campo, em triste albergue, uns pobres se aninhavam:  
A mãe e filho, sós, os dois se consolavam.  
Que triste vida aquella sempre assim correndo  
E á miseria fatal, nunca, ó nunca, cedendo!

Um dia, ao despontar, além, rosada aurora,  
O filho, enregelado, em umas palhas, chora!  
A mãe, esse anjo bom, conhece aquelle pranto  
E não pode enxugal-o! Assim lhe diz no entanto:

— Vai, pois, meu filho, vai, á beira d'um caminho  
«Implorar uma esmola ou d' affecto um carinho.  
«Tens fome?! A fome é negra! E eu que tenho em casa?  
«A dôr que só de pranto os olhos meus arrasa!

«Não voltes ao teu lar, onde habita a pobreza,  
«Sem trazeses contigo a esmola da riqueza!...  
«Vai, pois, meu filho, vai, o que tu mais desejas  
«Á beira d'uma estrada, é provavel que vejas. — 1

«Aqui, ai! nada tens, a não ser a penuria,  
«Esfarrapada e vil, semelhando uma furia!  
«No seu regaço negro, á choça do mendigo,  
«Trazer-lhe nunca vem um só consolo amigo. — 2

O filho erguendo, então, o corpo extenuado,  
— Era o lyrio do val' de prantos orvalhado! —  
A benção pede á mãe, que entre affagos consola:  
— Mas Deus é sempre justo afinal em sua esmola! — 1

E foi, mas, infeliz! em vão, em vão pedia!  
Em breve se approxima a noite d'agonia,  
Trazer-lhe vem no seio o calix da amargura!  
Causava compaixão ver tanta desventura! — 1

E aquella meiga flor, a tímida criança,  
Na terra, então, cabiu, sem ter uma esperanza!  
Não quer voltar a casa, espera um pouco ainda,  
Deseja á mãe levar a esmola do céu vinda.

E Deus mandou a esmola á pobre mãe afflita!  
Emquanto, no albergue, eburnea mão bendita  
De caridosa irmã, depõe umas moedas,  
A mãe corre veloz, por entre as alamedas,

Em busca do filhinho, e encontra-o na estrada  
Mais lindo e mais alegre, a face carminada,  
Sorrindo para o céu, mas já sem ter alento!  
Fôra pedir a Deus p'ra sua mãe — sustento.

E enquanto o amor de mãe em lagrimas se expande,  
Mostrando, em seu carinho, um sentimento grande,  
Festeja-se no céu, á hora vespertina,  
A entrada d'um anjo e d'uma alma divina.

E a mãe, a terna mãe, do filho o corpo beija  
E a soluçar exclama: — Ó alma bemfazeja,  
Que amor tão grande o teu! Que immenso amor foi este!  
Querendo dar-me um bem, á mingua assim morreste!

Lisboa, Agosto, 1881.

MATHEUS PERES.

Explicação da charada publicada no numero anterior: — MALVADO.

Recebemos um sem numero de cartas contendo a decifração da charada posta a premio, sendo este entregue ao ex.<sup>mo</sup> sr. A. P. Miranda Azevedo, primeiro cavalheiro que nos enviou a chave da composição alludida.

Publicar-se-hão as charadas que forem enviadas ao director do ALBUM ENYGMATICO, o sr. Matheus Peres.

ADVERTENCIA: — O premio será entregue na redacção, rua dos Fanqueiros, 87.

Typ. de Christovão A. Rodrigues — Rua do Norte, 104, 2.º

# SECÇÃO DE ANNUNCIOS

## A. ENRIQUE

Ao lado do 103

CONCERTA LEQUES DE **TODAS AS QUALIDADES** ESPECIALISTA EM **LIMPAR LUVAS A VAPOR**

Põe pannos de seda e de papel

Com a maxima perfeição e sem cheiro

Ao lado do 103

**101 - RUA AUREA - 101**

N. B. — Não se responsabilisa pelos objectos mais de um anno.

## ALMANACH DAS SENHORAS

PARA 1881

DE **D. GUIOMAR TORREZÃO**

PUBLICADO SOB A PROTECÇÃO

DE **Sua Magestade a Rainha**

11.º ANNO DA SUA PUBLICAÇÃO

À venda em todas as livrarias. — 1 volume com 407 paginas  
PREÇO 240 RÉIS

**P. J. A. CAMBOURNAC**

OFFICINA DE TINTURARIA A VAPOR

14, LARGO DA ANNUNCIADA, 16

**420, Rua de S. Bento, 420**

LISBOA

## DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ

POR

**FRANCISCO DE ALMEIDA**

ESTÁ PUBLICADO O 25.º FASCICULO

PREÇO 400 RÉIS

Assigna-se na administração e empreza

**Antiga livraria Zeferino**

87, RUA DOS FANQUEIROS - LISBOA

**RIBALTAS E GAMBIARRAS**

REVISTA SEMANAL

Publica-se aos domingos e vende-se em todos os theatros

### PREÇOS

Cada numero.....	20 réis	Rio de Janeiro—Assignatura	
Lisboa Assignatura de 25 nu-		de 25 numeros...	25000 réis
meros.....	500 "	Assigna-se em casa dos srs. Sousa Tei-	
Assigna-se na Livraria Zeferino — 87,		xeira e Moraes Calabre — 95, Rua do-	
Rua dos Fanqueiros, 87.		Ourives, 95.	

## LIVROS ITALIANOS

BONITAS EDIÇÕES MILANEZAS

ROMANCES E OBRAS CLASSICAS

A 300 RÉIS O VOLUME

LIVRARIA ZEFERINO—RUA DOS FANQUEIROS, 87

Encarrega-se de mandar vir livros e jornaes de qualquer ponto da Italia.

Ricos e valiosos artigos para presentes, tudo que apparece em bom, proprio para offerecer á mais aristocratica dama ou ao mais distincto cavalheiro. De Paris, Russia e Philadelphia recebem-se os primeiros modelos.

O Centro aceita objectos bons para expôr á venda; a casa é a mais concorrida da capital, por isso tudo encontra collocação por soffríveis preços.

CENTRO COMMERCIAL

## LUVA AROMATISADA

Da secção de luvaria do Centro enviam para qualquer destino, a troco de estampilhas, a luva da moda.

Preço: tendo quatro botões as para senhoras e dois as para cavalheiros, são 500 réis!!!

Sendo maior quantidade teem abatimento os preços da bella luva aromatisada, assim como as de fino Suedo e Escossia, praias e campo.

**120 - RUA AUREA - 122**

## TABACARIA NEVES

TEM UM VARIADO SORTIMENTO DE TABACOS NACIONAES E ESTRANGEIROS

VINHOS ENGARRAFADOS

FLORES E ARTIGOS DE CORTIÇA

**42, PRAÇA DE D. PEDRO, 42**

Vende varios jornaes e entre outros as

*Ribaltas e Gambiarras*

## ALMANACH LITTERARIO E CHARADISTICO

PARA 1882

POR

**MATHEUS PERES**

Acha-se á venda este interessante annuario, em todas as livrarias, contendo variadissimos artigos e a transcripção do notavel volume, exemplar unico, **Argumentos dos Lusíadas.**

### Preços:

1 exemplar brochado .....	240 réis
1 " cartonado .....	340 "
1 " encadernado em percaline.....	380 "

## PORTUGAL DE RELANCE

PREFACIO DA TRADUCÇÃO PORTUGUEZA

Primeira, unica e ultima resposta da auctora aos criticos do seu livro

Um volume em 8.º, preço 200 réis.

Acha-se desde já á venda na Livraria Zeferino, editora, 87, Rua dos Fanqueiros, Lisboa.

Remette-se franco de porte pelo correio a quem enviar a importancia em estampilhas de 25 réis.

## MUSICAS

PARA PIANO E PARA PIANO E CANTO

OPERAS COMPLETAS DOS MELHORES AUCTORES

A 300 RÉIS

EDIÇÕES NITIDAS E CORRECTISSIMAS

LIVRARIA ZEFERINO—Rua dos Fanqueiros, 87

## EL MUNDO ILLUSTRADO

BIBLIOTHECA DE LAS FAMILIAS

HISTORIAS, VIAGENS, SCIENCIAS, ARTES E LITTERATURA

Um fasciculo de 32 paginas por semana com 64 columnas de texto luxuosamente impresso e muitas gravuras perfeitissimas

BRINDES TODOS OS MEZES

PREÇOS

Trimestre..... 25280 Semestre..... 43560 Anno..... 95120

Recebem-se assignaturas na redacção do Almanach das Senhoras, Rua de S. Bento, n.º 218.